

Transmasculinidades: novas visibilidades frente à normatividade dos gêneros.

RENATA SILVA PAMPLONA *

Este trabalho¹ tem como objetivo problematizar a normatividade dos gêneros a partir da categoria da transmasculinidade, a qual vem ganhando visibilidade nos últimos dez anos no Brasil, conforme argumentam Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi:

Temos percebido uma crescente visibilidade de transhomens desde 2010, que até então estavam praticamente invisíveis tanto no cenário político do chamado movimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBTT) quanto no campo de estudos trans e nas mídias digitais e televisivas, quando comparados à visibilidade de travestis e transexuais femininas. (ÁVILA; GROSSI, 2013, p.5).

Realizamos um recorte de nossa pesquisa de doutorado, assim como de nosso objeto de pesquisa. Elegemos como objeto de estudo três das quatro histórias de vida com as quais trabalhamos. Trata-se da história de vida de João W. Nery, Jordhan Lessa², e Dom.

Nossa metodologia se estrutura a partir dos estudos *queer* e feministas, dos estudos pós-culturais, utilizando como ferramentas teóricas as análises de Beatriz Preciado (2014), Gilles Deleuze (2004; 2012), Judith Butler (2010) e Michel Foucault (2010a; 2010b; 2012; 2014). Analisamos os relatos autobiográficos de três homens transexuais como forma de evidenciarmos a operacionalização e produção normativa dos gêneros, desde a mais remota infância.

As transmasculinidades se caracterizam por expressões de gênero masculinas, as quais não se encerram em um modelo hegemônico de masculinidade, antes, são múltiplas. A pluralidade de vivências trans masculinas possibilita o rompimento e desconstrução de verdades naturalizadas e essencializadas dos sexos e gêneros dicotômicos. Ou seja, “Assim como não há um modelo único, universal, de feminilidade e masculinidade, entendemos que

* Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE, Universidade Federal de São Carlos/ UFSCAR – Brasil. Pesquisa financiada com apoio do CNPq.

¹ Neste trabalho apresentamos resultados parciais da pesquisa de doutorado, provisoriamente nomeada de *Territórios da transmasculinidade*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar, com orientação do professor Doutor Nilson Fernandes Dinis.

² Jordhan Lessa assina seu livro: *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual* (LESSA, 2014) como Jô Lessa, entretanto, hoje se nomeia como Jordhan Lessa, nomeação a qual faremos referência em nosso trabalho.

não há também um único modelo ou padrão de transmasculinidade, há várias transmasculinidades”. (ÁVILA; GROSSI, 2013, p. 5).

De modo abreviado podemos considerar que as transmasculinidades se referem às experiências de sujeitos que foram assignados ao nascer com o sexo feminino, porém, não se reconhecem como mulheres. Ao contrário, se identificam e se nomeiam como homens, ainda que para alguns, inicialmente seja apenas uma nomeação subjetiva, e não partilhada no grupo social; decisão essa circunstanciada em decorrência do preconceito. Por sua vez, outros *FtM* passam a requerer o reconhecimento civil como homem, assim como às mudanças físicas propiciadas pelo processo transexualizador, assegurado no Brasil, desde 2008, pelo Sistema Único de Saúde/SUS.

Em relação às nomeações atribuídas aos transexuais masculinos ressaltamos a inexistência de conformidade entre os próprios homens transexuais e seus movimentos sociais, entre as/os pesquisadoras/es, e a comunidade LGBTTTT³. Desse modo, elegemos diferentes nomenclaturas, como: transexuais masculinos, homens transexuais, homens trans, transhomens, *Female to Male/FtM*, *transman* para nos referimos à experiência trans masculina. Nossa justificativa respalda-se no fato de que esse é um campo teórico de estudos relativamente novo, que começa a ganhar evidência no Brasil apenas nos últimos anos. Assim, a utilização de uma multiplicidade de termos opera um alargamento e empoderamento dessa categoria.

Em nossa pesquisa de doutorado apresentamos os relatos autobiográficos de João W. Nery, Jô Lessa e Dom buscando esmiuçar as particularidades, intensidades e riquezas das experiências narradas. Dada a formatação do presente trabalho faremos uma breve referência à história de vida dos sujeitos *FtM* em questão.

João W. Nery tornou-se conhecido após sua evidência na mídia brasileira e sua participação em eventos acadêmicos e militância LGBTTTT. É considerado o primeiro homem transexual a realizar o processo transexualizador no Brasil, ainda no período em que este não era legalizado, em meados da ditadura de 1964. Seus relatos estão descritos em seu livro *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* (NERY, 2011), o qual é tomado como referência em nossas análises.

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Jordhan Lessa é um transhomem que passou a se nomear desse modo após assistir a uma palestra de João W. Nery relatando toda sua trajetória, desde o período da infância, perpassando o drama do processo transexualizador realizado de modo muito caótico, devido os reduzidos avanços médicos nessa área, bem como a ilegalidade dos procedimentos cirúrgicos. Jordhan Lessa considera que a história de vida de João Nery exerceu uma reviravolta, ou um ressignificar de sua própria condição. Também não tinha ferramentas para se nomear fora dos binarismos de gênero. Sendo assim, embora soubesse não ser lésbica por não se reconhecer como mulher, não poderia se nomear como um homem transexual, pois desconhecia tal categoria. A nomeação muitas vezes ocorre quando há a identificação como outros FtM, conforme aponta Simone Ávila: “Muitos dos meus interlocutores se autoidentificaram ou se autodeterminaram trans a partir de um filme ou um vídeo que assistiram, um livro que leram, ao ver um transhomem na mídia ou ao encontrar informações na Internet”. (ÁVILA, 2014, p. 85). A experiência de Jordhan Lessa em relação a seu encontro com João Nery exemplifica àquilo que destaca Ávila.

Os relatos autobiográficos de Jô Lessa estão descritos em seu livro *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual* (LESSA, 2014), também referência para nossas análises.

Dom é um homem transexual anônimo que aceitou participar de nossa pesquisa narrando sua trajetória de vida. Registramos que Dom é um nome fictício, não se trata do nome social, tampouco nome de registro civil, e é aqui utilizado em respeito aos necessários cuidados éticos de anonimato. Dom passa a se reconhecer como homem trans após o contato estabelecido em função de nossa pesquisa, e ao tomar conhecimento das categorias da transexualidade e da transmaculindade, quando encontra uma possibilidade de nomeação.

Mediante o encontro com as experiências narradas por João W. Nery e Jordhan Lessa, Dom distingue vários aspectos comuns de suas próprias vivências. Como não havia publicado seus relatos autobiográficos optamos, em acordo estabelecido conjuntamente, que narrasse sua história de vida por meio da escrita de vinte e uma cartas. Essas se encontram anexadas à tese em desenvolvimento, juntamente com o termo de consentimento.

O nome Dom foi escolhido por nosso colaborador a partir de sua identificação com o personagem Dom Quixote, protagonista da obra *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes Saavedra (1981). Semelhantemente ao personagem Dom Quixote, nosso

colaborador de pesquisa cria novas estéticas da existência permeadas pelo universo da poesia e literatura; procedimento que lhe possibilita enfrentar as adversidades de uma sociedade fortemente heterocentrada. Dom arquiteta seus próprios moinhos de vento no combate ao preconceito e normalização dos gêneros.

Tradicionalmente, e em um sistema político heterocentrado, os gêneros são postulados de maneira dicotômica e essencializada, ou seja, ou se é homem *verdadeiro*, ou se é mulher *verdadeira*. Qualquer expressão de gênero fora dessa dualidade é rechaçada e rotulada como desviante, portanto, falsa. Ao produzir as transexualidades enquanto patologias, anomalias, ou disforia de gênero, o que o sistema sexo/político articula é a defesa da normalidade feminino/masculino, homem/mulher. Uma vez que segundo postula Beatriz Preciado:

Dado que aquilo que se invoca como “real masculino” e “real feminino” não existe, toda aproximação imperfeita deve se renaturalizar em benefício do sistema, e todo acidente sistemático (homossexualidade, bissexualidade, transexualidade...) deve operar como exceção perversa que confirma a regra da natureza. (PRECIADO, 2014, p. 30).

A fabricação normativa dos gêneros não se dá no vazio e acaso, o que está em questão, sobremaneira, é a manutenção de um sistema heteronormativo. Pois, ser homem e ser mulher verdadeiros/as é corresponder a um exercício da sexualidade na perspectiva de que o sexo genital defina o gênero, e este à orientação sexual dos sujeitos. A estabilidade de uma ordem binária é o que almeja o sistema político sexo/gênero em parâmetros machistas, misóginos, sexistas e heterocêntricos. O que também assinala Richard Miskolci ao afirmar que é “[...] possível reconhecer a cadeia convencional e socialmente compulsória que molda a formação de identidades sexuais nos nossos dias” (MISKOLCI, 2014, p. 109).

Nesse sentido não está em questão, por exemplo, que os *transman* possam ter uma orientação sexual homossexual. Ou seja, podem reivindicar mudanças físicas e corporais de um corpo biologicamente feminino para um corpo masculino, entretanto, manterem relacionamentos afetivos e sexuais com homens. Ou ainda, com homens e mulheres, se identificando como bissexuais, entre outras múltiplas possibilidades. Assim como podem se afirmarem como heterossexuais, exemplo dos *FtM* aqui apresentados. Para Bento não podemos considerar “[...] que todas as mulheres e os homens transexuais sejam heterossexuais, afinal o fato de mulheres e homens transexuais assumirem a

homossexualidade desfaz qualquer possibilidade de se produzir esta inferência” (BENTO, 2008, p. 57).

A despeito das multiplicidades e singularidades, não é incomum que muitos homens transexuais ao romperem as fronteiras dualistas dos gêneros, a exemplo da história de João W. Nery, Jordhan Lessa e Dom, sofram com a estigmatização e preconceito produzidos e incitados pela sociedade heterocentrada. Nessa direção, Guilherme Almeida expõe:

Em suas narrativas, há frequentes experiências de discriminação compostas de marcos, como a rejeição do lugar outorgado pelo binarismo de gênero (baseado na leitura inicial de sua genitália) e por experiências sociais variadas de sexismo e homofobia em decorrência dessa rejeição (ainda na infância e prolongando-se na idade adulta). Essas experiências e marcos culminam na decisão de, em algum momento da vida, reclamar a identidade masculina. Tal decisão é associada não só à possibilidade de obtenção de conforto psíquico, mas de respeito e reconhecimento social. (ALMEIDA, 2012, p. 517).

As situações de constrangimentos, rejeição e discriminação se tornaram incessantes na vida de João W. Nery desde o período da infância, conforme relata: “Na pracinha, perto de casa, onde costumava brincar, era ridicularizado. No colégio, não tinha grupinhos e, em casa, não era compreendido” (NERY, 2011, p. 32).

A criança transexual é muitas vezes posta à margem em seu núcleo familiar, na escola, e demais instituições sociais. O peso da exclusão e inferioridade muito cedo é imputado às crianças transexuais, já que não compreendem o porquê de não serem aceitas no gênero de identificação. Desse modo, interiorizam sentimentos de culpabilização. O que nos expõe Nery:

Não conseguia entender por que me tratavam como se fosse uma menina! Faziam questão de me ver como nunca fui. Sabiam que não gostavam disso! Por que insistiam em me entristecer, em me ridicularizar? Algo estava errado. Restava saber se com eles ou comigo. Tornei-me um ser acuado (NERY, 2011, p. 32).

Embora João W. Nery desejasse ser incentivado em sua masculinidade, o que recebia era constantes repreensões em relação ao modo como deveria se portar, ou seja, como uma menina. Não estava em questão compreender ou questionar o porquê de suas preferências relacionadas às vestimentas ou brincadeiras, as quais obviamente não eram voltadas ao que tradicionalmente se propaga como feminino. Em sua casa eram constantes as advertências: “- Tome jeito, menina, parece um homem! Isto não é maneira de se comportar! ‘Uma mocinha

não faz isso, não senta assim, não fala assado, não come assim, não olha assado!’ Não! Não! Não!’ (NERY, 2011, p. 35).

Esse tipo de reiteração, ou seja, daquilo que é designado para o exercício dos papéis de gênero feminino e masculino mostra que longe de termos os gêneros enquanto verdades naturais e essencializadas, esses são produzidos por agenciamentos heteronormativos, patriarcais, misóginos e sexistas.

Jordhan Lessa também se tornou, desde muito cedo, refém das políticas dualistas de gênero. Não sabia ao certo o porquê era marginalizado, tanto em casa, como na rua, ou na escola. Apenas sentia-se uma pessoa estranha, anormal e indesejado em vários grupos sociais. Contudo, não tardou em reconhecer que o preconceito sofrido se dava em decorrência da dissonância com os estereótipos designados para os gêneros binários. Nessa direção Miskolci argumenta:

No caso da ‘identidade de gênero’, desde a infância, os sujeitos são ensinados a se enquadrar em padrões normativos, demarcando fronteiras do que é esperado ou não de uma menina ou menino. Esses corpos são vigiados pela sociedade (família, escola, mídia), de forma a não apresentar ambiguidades e se ajustar a comportamentos percebidos como ‘normais’. (MISKOLCI, 2014, p. 60).

Os percursos de vida de Jordhan Lessa se mesclam por cenários de atritos, preconceitos, violências e agressões sofridas em diferentes conjunturas e espaços institucionais, primeiro em casa, no manicômio, depois na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) e, por fim, nas ruas. Certamente o desencadeamento de toda dramática e violência, a que se tornou vítima constante, teve como incitação a política de normalização dos gêneros. Como escapava aos lugares postulados para o exercício da feminilidade, contraposta à masculinidade, passou a ser alvo de estigmatizações variadas. O que podemos encontrar em seus relatos:

Eu sempre tive uma aparência masculina, não era uma criança feia, mas era esquisito e sempre me senti diferente das meninas, sendo isso um grande problema. No colégio não fazia amizades, os meninos não brincavam comigo por acharem que eu era menina e as meninas também não brincavam por acharem que eu era menino, ou seja, eu era uma ‘coisa’ diferente e não me encaixava de lado nenhum (LESSA, 2014, p 18-19).

Perante as multiplicidades de gênero e sexuais o que a escola faz é ensinar, reiterar e exigir uma vivência autêntica e verdadeira dos gêneros e da sexualidade heteronormativa. As quebras e borramentos dos gêneros são silenciados por meio das estratégias de discriminações, rejeição e exaltação da supremacia dos comportamentos dualistas dos gêneros. As produções normativas do que é ser homem e ser mulher remete as consideradas anomalias de gênero à margem, deixando de considerar que “As identidades e as trajetórias serão sempre relativas num perpétuo movimento de desterritorialização e (re) territorialização. E a Subjetividade longe de remeter a um Eu, é sempre múltipla” (DINIS, 2008, p. 356).

Em suas cartas, nosso colaborador anônimo, Dom, descreve que desde o período da infância se reconhece como menino. Tinha a seu favor a liberdade de viver no campo, de pés descalços, sem camisa e de shorts. Assim, se vestia de forma semelhante aos dois irmãos, e trazia sempre os cabelos bem curtos. Relata que foi apenas ao iniciar o processo escolar, em seus primeiros dias de escola, que foi informado de modo autoritário, violento e preconceituoso não ser um menino, mas sim, uma menina. As professoras, guiadas por um olhar biologicizado, passaram a indicar o *toalete* feminino, as filas de meninas e as brincadeiras adequadas para Dom. A escola longe de se manter neutra, ou apenas omissa em relação às diferenças de gênero e sexuais, ela faz mais, produz uma política de normalização dos gêneros, assim como uma política heteronormativa, como observa Guacira Lopes Louro:

[...] a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2012, p. 89-90).

Dom sofrerá inúmeros outros conflitos ao longo de sua vida escolar, e no ambiente familiar. Mesmo não se identificando como mulher, se verá em situações de provar uma feminilidade para ser aceito no grupo social. Na adolescência irá residir com uma prima mais velha em Brasília por determinação de sua família, a qual acreditava que a convivência com

uma referência feminina, seria uma possibilidade para adequar Dom aos papéis naturalizados de gênero, ou seja, poderia categoricamente aprender a ser mulher. As escolhas de sua família se norteiam por um paradigma que produz estereótipos de conduta dicotômicos para a vivência dos gêneros. Contudo, segundo destaca Montserrat Moreno “Estes padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o masculino, claramente definidos” (MORENO, 1999, p. 29).

Os planos familiares de adequação do gênero de Dom não obtiveram êxito, pois, não conseguia usar acessórios femininos, tampouco se identificar com qualquer signo tido tradicionalmente como pertencente ao universo feminino. Porém, sentia-se culpado, e se via como uma decepção para sua família e amigos/as. O que o levará, no extremo de sua culpa, à decisão de sair com homens para simular uma possível feminilidade e heterossexualidade. Entretanto, se verá vítima de assédios e violência sexual. Para Simone Ávila, é comum as pessoas trans terem sentimentos de vergonha, recorrentemente “Sentem vergonha do corpo, da família, dos/as amigos/as, e por vezes também há o sentimento de culpa por serem o que são” (ÁVILA, 2014, p. 27).

As experiências vividas por João W. Nery, Jordhan Lessa e Dom são marcadas por incontáveis dramas, sofrimentos e estigmatizações em relação ao corpo, às escolhas divergentes do gênero determinado no nascimento, da orientação sexual, que embora seja heterossexual, muitas vezes foi, ou é, considerada como lésbica. A respeito da dramática transexual, Fátima Lima enfatiza:

[...] a invenção do humano é entrecortada por relações de poder, constituem efeitos dos micropoderes onde determinadas expressões de singularidades se produzem numa dimensão de abjeção, de não reconhecimento, de injúria verbal, de violência física, moral, sexual, entre outras. Entre essas formas de ser e estar “em mundos” encontram-se as experiências trans cortadas, muitas vezes, por violências cotidianas seja em sua dimensão simbólica e/ou concreta. (LIMA, 2014, p. 38-39).

De modo panorâmico, podemos afirmar que após inúmeros enfrentamentos, João W. Nery é hoje um homem realizado, percorre o Brasil relatando suas experiências e apoiando outros homens transexuais em suas descobertas e conquistas. Jordhan Lessa realizou a mastectomia masculinizadora, assim como realiza os processos de hormonização. Dom se encontra cadastrado em um programa do SUS para realizar o processo transexualizador,

também faz uso de hormônios e aguarda com ânsia os procedimentos cirúrgicos da mastectomia masculinizadora, e da neofaloplastia, ou seja, a construção do pênis.

Se por um lado os atravessamentos vivenciados por João W. Nery, Jordhan Lessa e Dom são permeados por dores e marginalização, por outro é constituído por subversões e desconstrução dos postulados normativos e dualistas de gênero, pois há possibilidades de resistência e fugas afirmativas de novos modos de vida. Ou seja, “[...] a dimensão de se produzir enquanto sujeitos comporta sempre as linhas de fuga, os vazamentos, as resistências frente aos processos de assujeitamentos”. (ibid., p. 113).

Compreendemos que as transmaculindades ao operarem novas performatividades das masculinidades contribuem para desconstrução da política hegemônica e tradicional dos gêneros naturalizados e biologizados. A dualidade do feminino/masculino pode ser questionada a partir do borramento das fronteiras possibilitado por vivências contestadoras e subversivas, a exemplo das três narrativas aqui apresentadas. Assim como se engendram enquanto dispositivos políticos de ruptura do sistema heteronormativo.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Rev. Estud. Fem.* 2012, vol.20, n.2, p. 513-523.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam. O 'y' em questão: as transmasculinidades brasileiras. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero* v. 10, 2013, Florianópolis. *Fazendo Gênero* 10 (anais eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34. Autêntica, 2004.

_____. *Foucault*. Lisboa: Edições 70, 2012.

DINIS, Nilson Fernandes. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *Os anormais: Curso no Collège de France (1974- 1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.

_____. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 5, 2014.

LESSA, Jô. *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual*. Rio de Janeiro Metanoia, 2014.

LIMA, Fátima. *Corpos, gêneros, sexualidade: políticas de subjetivação - Textos reunidos*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. In: MISKOLCI, Richard (Org.). *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

NERY, João W. *Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.